

**LITERATURA E ÉTICA:
UMA REFLEXÃO
SOBRE A OBRA DE JOEL RUFINO DOS SANTOS**

Idemburgo Pereira Frazão Félix (UNIGRANRIO)
professorifrazao@uol.com.br

RESUMO

Trabalhando com questões identitárias relativas à cultura de matriz africana, à exclusão social que marca os afrodescendentes; à forma como os intelectuais podem contribuir com a problemática das desigualdades sociais, a obra do professor e escritor Joel Rufino dos Santos é marcada por uma forte presença da ética, ou de sua problematização, direta ou indireta. Partindo desta percepção, o presente trabalho intenta refletir sobre presença da ética na obra desse autor, trazendo para a discussão questões como: a da exclusão social em termos gerais; a do preconceito aos descendentes de africanos e a da importância da preservação da memória da cultura de matriz africana.

Palavras-chave:

Literatura. Ética. Joel Rufino dos Santos. Representações sociais. Identidades.

1. Introdução

Como muitos sabem, o professor Joel Rufino dos Santos, historiador, professor de literatura e escritor premiado, faleceu no ano passado, 2015, no dia 04 de setembro. De lá para cá, além das poucas homenagens que recebeu, mais efetivamente ligadas à sua biografia, sua obra crítica, propriamente dita pouco tem sido lembrada ou trabalhada efetivamente. Entendendo que o autor da preciosa obra ficcional para crianças, *O Presente de Ossanha*, é um dos mais importantes nomes da reflexão sobre a pobreza social e as (des)figurações dos “atores sociais subalternos” (se é que essa expressão paradoxal se sustenta), o presente texto intenta trazer para a discussão a problemática da ética como eixo das reflexões rufinianas. A ética, em sentido amplo e, mais enfaticamente, a ética em termos de responsabilidade social e pessoal é o eixo de toda a obra de Joel Rufino dos Santos. Da participação nos movimentos inerentes à chamada consciência negra, às desculpas que pede, publicamente, em seus livros pela delação de colegas sob a tortura, nos cárceres da repressão política da Ditadura Civil Militar – que vigorou de 1964 a 1985 –, Rufino demonstra ter como questão mais importante o respeito ao próximo. Mar-

xista, discípulo de Nelson Werneck Sodré, oriundo de família evangélica – cuja maior religião professada é a da leitura –, o respeito ao próximo figura enquanto base de uma ética em sentido afetivo, efetivo, amplo, universal.

No período do exílio, Rufino teve a oportunidade de conviver com pessoas de diversas procedências e ofícios, como o poeta Thiago de Melo, o sociólogo Fernando Henrique Cardoso, dentre muitos outros. Seu trabalho no campo da história, sob as orientações de seu mestre Nelson Werneck Sodré, revolucionou o trato da História, enquanto disciplina, criando uma obra que facilitava os estudos dos jovens, ainda como membro do ISEB.

O presente texto – oriundo da palestra realizada no SINEFIL (Simpósio Nacional de filologia e linguística), ocorrido no campus da UNIGRANRIO, em abril de 2016 –, como se antecipou, anteriormente, intenta refletir sobre a obra de Joel Rufino pelo viés da ética, lembrando de algumas passagens de suas obras e de suas atitudes enquanto cidadão, professor, escritor e pai. As obras destinadas às crianças serão também mencionadas, por trazerem boas sensações ao paladar visual e auxiliar no entendimento da orientação ética do autor e de sua preocupação com os pobres, não apenas com os negros, como poderia parecer. Serão lembradas, aqui quatro obras, mais especificamente, uma de ficção para crianças e outras três que tratam de questões ligadas à disciplina literatura. *O Presente de Ossanha; Épuras do Social, Como Podem os Intelectuais Trabalhar para os Pobres; Quando Voltei Tive uma Surpresa; e Quem Ama Literatura Não Estuda Literatura. Ensaios Indisciplinados.*

2. Ética e representação social

Antes de se passar mais diretamente à ética na obra e na biografia de Joel Rufino, é importante, mostrar, primeiro, o que se entende por ética e as implicações da mesma, neste trabalho. De acordo com o *Dicionário Houaiss*, edição de 2004, Ética é a ciência da conduta humana perante o ser e seus semelhantes. É no termo “conduta” que a presente reflexão se baseia, para comentar sobre aspectos importantes da obra e da biografia de Joel Rufino dos Santos. Roger Pol Droit, em sua obra *Ética* (2012) afirma que, na atualidade as questões sobre a ética têm sido mencionadas com muita frequência:

(...) nossa época se preocupa com a ética, atualmente, em inúmeras áreas: negócios e vida financeira (em que a crise revela o quanto as regras são necessá-

rias), esportes (em que o *dopping* e os jogos arranjados ameaçam destruir a competição), mídias (em que a informação é muitas vezes manipulada. (DROIT, 2012, p. 9)

Como afirma Danilo Santos de Miranda, “a preocupação com os valores do comportamento humano, com as finalidades e os motivos de suas ações constitui, muito sumariamente o campo da ética” (MIRANDA, 2004, p. 11). Desde criança, as atitudes de Joel Rufino foram pautadas pela tentativa de seguir suas próprias convicções, o que inúmeras vezes lhe trouxe problemas e fortes dores, como o exílio, a prisão, inimizades. É fundamental para a Ética a questão da conduta coerente, como afirma Miranda (2004), da “melhor conduta” e esta está diretamente ligada à relação entre a natureza humana e a necessidade de sobrevivência em coletividade. Longe de entender-se como um virtuoso santo, Rufino dos Santos fugia do que entendemos aqui ser o oposto da utilização da ética para a vida: a hipocrisia.

Baluarto na crítica à hipocrisia na sociedade, Machado de Assis, inúmeras vezes ridicularizou a sociedade brasileira por afirmar se virtuosa e viver na mentira, na dissimulação. Em um conto exemplar a esse respeito, “teoria do medalhão”, Machado trata da história de um pai que orienta o filho sobre a maneira com a qual deveria se comportar em sociedade. A ironia machadiana, fina e cortante, aponta exatamente para o oposto da vivência sob os auspícios efetivos da ética. Remetendo ao tratamento crítico e mordaz de autores como Swift e Sterne em relação à conduta da sociedade em que viviam, o pai pede ao filho que não ceda aos encantos da ironia que caracteriza os autores citados, mas que vivesse de acordo com os seus próprios interesses. O mais importante, dizia o pai

(...) é não infringir as regras e obrigações capitais. Podes pertencer a qualquer partido, liberal ou conservador, republicano ou ultramontano, com clausula única de não ligar nenhuma ideia especial a esses vocábulos e reconhecer-lhes somente a utilidade *scibboleth* bíblico. (ASSIS, 1992, p. 294)

Os ensinamentos do pai ao jovem Janjão eram baseados na necessidade de sobreviver e brilhar em meio à futilidade inerente à vida em sociedade. Segundo tais ensinamentos, “a vida é uma loteria” (ASSIS, 1992, p. 288). E os artifícios para vencer na vida não têm limites, desde que se alcance os fins almejados. O melhor ofício a escolher, seguindo as regras do jogo social, seria ser um “medalhão”. Afirmava o pai, sempre orientando a conduta do filho: “Ser medalhão foi o sonho da mocidade; faltaram-me, porém, as instruções de um pai, e acabo como vês, sem outra consolação e relevo moral, além das esperanças que deposito em ti” (ASSIS, 1992, p. 289) Atingir a nomeada, tornar-se importante, ter boas

ou excelentes condições financeiras é, segundo a teoria do medalhão, o mais importante para um ser humano. Ter ideias próprias, segui-las de acordo com a consciência é um perigo social, seguindo a teoria do medalhão. De acordo com os ensinamentos do personagem machadiano que orienta um jovem que iniciará sua carreira na sociedade, deve-se ter cuidado com as ideias que se nutre. Ele diz ao jovem:

Venhamos ao principal. Uma vez entrado na carreira, debes pôr todo o cuidado nas ideias que houveres de nutrir para uso alheio e próprio. O melhor é não as ter absolutamente; cousa que entenderás bem, imaginando um ator defraudado do uso de um braço. Ele pode por um milagre de artifício, dissimular o defeito aos olhos da plateia, mas, muito melhor dispor os dois. O mesmo se dá com as ideias; pode-se, com violência, abafá-las, escondê-las até a morte; mas nem essa habilidade é comum. Nem tão constante esforço con-viria ao exercício da vida. (ASSIS, 1992, p. 290)

Ter ideia próprias e defende-las, independente dos problemas que causem e dos transtornos efetivos que possam acarretar; ser original e, pior ainda, ser autêntico é um problema social gravíssimo, percebe-se em uma leitura a contrapelo da ironia machadiana. Próprio da ironia é levar o sujeito a uma conclusão, apresentando-lhe para tal fim um caminho às avessas. Na proposição do pai, não expor, ou, principalmente não ter ideias autênticas facilita o jeitinho de sempre estar do lado que vence, do lado que combina com os interesses sejam eles positivos ou negativos. Antecipava, Machado de Assis, a triste e popular “lei de Gerson” baseada na intenção de levar vantagem em tudo, independente das sequelas que isso pode deixar no tecido social?

Como se vê, recorrendo-se aqui à astúcia do Bruxo do Cosme Velho, Joel Rufino dos Santos, que desde o início de sua carreira propunha uma nova e autêntica forma de se estudar a memória social, seguia caminho oposto ao esperado pela básica teoria do medalhão – que ainda vigora e embasa a visão de sucesso social no Brasil, exposta, no avesso constitutivo da ironia, pelo arguto ex-vendedor de balas, o mulato Machado de Assis. Rufino, sempre partindo de uma forte visão crítica, apontava para a distância que há entre os estudos acadêmicos e as dificuldades pelas quais passam os subalternos (em suas diversas ramificações) – aqueles que não têm o poder de ter sua fala ouvida e respeitada, para lembrar, aqui um termo cunhado pela ensaísta indiana Gyatri Spivak (2010).

Retomando o que foi escrito no texto machadiano citado, pode-se afirmar que as orientações éticas do jovem Joel Rufino contrariavam a teoria do medalhão descrita nessa pequena e preciosa narrativa. A carreira do jovem Janjão dependia, segundo a teoria vigente em sua época (e

que ainda vige) da capacidade de utilizar as representações sociais a seu favor. Segundo Erving Goffman (2011), a vida em sociedade se assemelha, de certa maneira, às representações próprias da dramaturgia. Em seu cotidiano, os seres humanos se transformam em atores sociais e, como tal, representam papéis diversos. Encaixam-se em *frames*, molduras nas quais as atitudes se amoldam. São diversos os papéis que os atores sociais têm que assumir durante o seu cotidiano. Uma mesma pessoa pode representar, em um mesmo dia, o papel de pai, filho, empresário, passageiro, cliente, patrão, dentre outras inúmeras possibilidades. Ou seja, um mesmo ator social pode ser filho, conviver com seu pai e, por sua vez, também ser pai. Já, no trabalho, o mesmo ator pode tornar-se um empresário e ser tratado por seus funcionários como patrão. Em cada *frame* (LIMA, 2011, p. 292), as atitudes variam, as representações precisam se adequar.

As representações são essas múltiplas molduras em que nos encaixamos sem nos determos, a maioria das quais aprendemos pelo simples comércio diário com os outros membros do nosso grupo. O teatro do mundo, pois, quase deixa de ser uma metáfora; realiza-se mesmo onde não haja ideia de teatro, pois seu espaço se inicia antes de haver um lugar reservado para as encenações. A diferença entre o teatro cujo palco é o mundo aberto e a sala de espetáculos está em que no primeiro, representamos sem saber, e no segundo, os atores não sabem o que representam. (LIMA, 2011, p. 293)

Seguindo uma reflexão que parte de uma citação de Montaigne⁸⁴, Luiz Costa Lima – em um importante e pouco discutido texto intitulado “Sob as faces de um Bruxo”, contido na obra *Dispersa Demanda*, lançado em 1981 e relançada em 2011, sob o título *Escritos de Véspera* – afirma que:

Somos tanto mais íntegros quanto menos conhecemos os papéis que representamos. Pelo temor da inautenticidade dos papéis, passamos a desempenhar o papel tragicômico da “alma sincera”. Cultuadores da individualidade, entendemos que desempenhar um papel é fingir o que não somos, presos (...) à prenoção de essência. E assim ignoramos que cada um de nós se forja pela imagem internalizada do outro, pouco importa a natureza valorativa do outro internalizado: “O hipócrita que sempre desempenha o mesmo papel, termina por ser hipócrita”. (LIMA, 2011, p. 293)

A integridade e a “alma sincera”, citadas por Costa Lima, quando forjadas, utilizadas como estratégias de convivência diária, ou utilizadas

⁸⁴ Todos nós somos retalhos e de uma textura tão informe e diversa que cada peça, cada momento cumpre seu jogo. E encontra-se tanta diferença entre nós e nós mesmos, quanto entre nós e outros. (MONTAIGNE, 1933, 11, 1, p. 324, *apud* LIMA, 2011, p. 293)

em prol da ascensão social – que tem por ápice o arrivismo –, têm como resultado uma representação social baseada na hipocrisia, centrada na aparência e não na efetivação de tal “alma sincera”.

Torna-se importante – ao se tratar da problemática da intencionalidade do uso do conhecimento dos papéis sociais a favor de um interesse pessoal – mencionar um trecho em que Ervin Goffman, no subcapítulo Fachada, do seu livro *A representação do eu na vida cotidiana* afirma ser a fachada “o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação (GOFFMAN, 2011, p. 29). A padronização da representação torna os “frames” fixas, ou seja, o ator social não expõe todas as personas, as máscaras necessárias às representações. Ou seja, pode surgir aí a imposição, a imposição de uma mesma fachada, possibilitando que, ao invés de uma representação social genuína se tenha um engodo. Assim, um falsário pouca de honesto, o ladrão, de inocente.

3. Ética. Atração e retração

Para a convivência em sociedade surge, enquanto necessidade primordial, a convivência dentro dos parâmetros éticos. A representação cênica da ética, ou seja, uma pseudovivência da mesma, faz com que as relações sociais ocorram em um campo pantanoso. E é nesse campo que, se pensarmos a partir das reflexões do sociólogo Zygmunt Bauman, a vida na pós-modernidade se estabelece. De acordo com Bauman, “estamos perdendo a capacidade de estabelecer interações espontâneas, pessoais reais” (BAUMAN, 2005, p. 31). O campo pantanoso ao qual se remeteu há pouco, torna-se além de movediço, ardiloso, quando as relações humanas passam a ocorrer sob os influxos da virtualidade “com o mundo se movendo em alta velocidade e em constante aceleração” (BAUMAN, 2005, p. 33). Como afirma Bauman, ao tratar da problemática das identidades no mundo contemporâneo, “em nosso mundo de ‘individualização’ em excesso, as identidades são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como dizer quando um se transforma no outro” (BAUMAN, 2005, p. 38) Zygmunt Bauman escreveu uma obra inteira sobre o assunto, que se denomina exatamente: “A ética é possível num mundo de consumidores? (2011)

Ao invés de aprofundar a discussão sobre a ética nos domínios da pós-modernidade, opta-se, aqui, por utilizar o pensamento do sociólogo polonês como forma de ratificar a importância de se pôr em debate a

problemática da ética na literatura, na atualidade e mais efetivamente na obra de um autor recentemente falecido e que sempre combateu a exclusão social em várias de suas vertentes. A problematização da ética ou a construção de toda uma obra sob a orientação de um parâmetro ético surge como fator distintivo e tema de relevância imensurável, principalmente por se tratar de algo que parece estar em plena extinção ou retração no mundo contemporâneo.

Joel Rufino dos Santos, na contramão da vida líquido-moderna, cria, consciente ou inconscientemente, uma obra de resistência à teoria do medalhão cada vez mais utilizada no mundo líquido-moderno – para lembrar da obra machadiana já mencionada. O professor e escritor Rufino dos Santos segue na mesma esteira do bruxo do Cosme velho e do morador da casa do louco, Lima Barreto. Tanto o primeiro quanto o segundo primaram, cada um à sua maneira, pela problematização, direta ou indireta de aspectos relacionados à ética na sociedade brasileira. Aliás, Lima Barreto é um dos autores mais citados por Rufino. O romancista carioca teve inúmeros problemas por levar a sério suas ideias, sem camuflá-las, enfrentando o senso comum, sendo considerado um louco e se transformando em um alcoólatra. Mesmo entendendo ter, nesse momento, tocado em uma importante contribuição de Joel Rufino, na reflexão sobre a importância da obra de Lima Barreto em relação aos excluídos sociais, para não nos estendermos muito, retorna-se, agora, ao efetivo tratado das obras rufinianas.

4. A história e a ética como estratégias ficcionais

Com uma capacidade ímpar de transformar a História em estratégia ficcional, Rufino criou, no campo da literatura para crianças, personagens que permitem, simultaneamente, a criação de peripécias ficcionais peculiares e a passagem de informações preciosas sobre a cultura de matriz africana e sobre as dificuldades pelas quais passam os pobres (como preferia denominar o que eufemisticamente os estudos acadêmicos denominam “menos favorecidos economicamente” passam para sobreviver dignamente. Uma dessas obras se denomina *O Segredo de Ossanha*. A narrativa trata de um menino negro, sem nome, que viveu no Brasil, no período escravagista. O moleque, como era chamado ganhou de presente fora do comum da entidade Ossanha, que não tem uma perna e um olho, perdidos na luta com seu irmão Xangô. A entidade oferece ao menino um visgo, que afirma pertencer à sua terra. Nesse visgo pousa um pássaro

mágico, o Corá. De posse do pássaro, o moleque chama a atenção, pois o pássaro encantava todos os que ouviam seu canto. Servindo de cavalinho ou burro de carga para o seu amigo e sinhozinho Ricardo, o menino atraiu a ira do dono da casa grande por não querer vender para ele o pássaro mágico. Por negar-se a vender tal pássaro, o moleque foi vendido para o dono de uma fazenda longínqua. O sofrimento por ter que se afastar do amigo fez com que o Ricardo adoecesse gravemente. O pequeno e rico senhorzinho afirmava para o pai que em realidade o moleque, sim era rico; era feliz com seu pássaro, e que, ele, Ricardo, é que era pobre. O final da história é inesperado e marcado por uma noção ética distintiva. Ao amanhecer, depois da partida do amigo, o jovem rico, ao abrir a janela encontra o presente deixado pelo amigo escravizado. A estranheza causada pelo desprendimento do moleque aponta para uma riqueza íntima rara: o amor ao próximo. O menino negro deixou para o amigo o que tinha de mais precioso e partiu.

O maior presente de Ossanha parece não ter sido o pássaro, mas a alto autoestima. A força simbólica do presente vai além da doação do pássaro. É o moleque quem detém o poder de não se tornar mesquinho; mais ainda de agir dentro de seus princípios pessoais. O pássaro Cora foi preso no visgo da terra dos ancestrais africanos. E esse visgo pode ser associado ao grude, à passagem das tradições através dos mitos, das lendas, da oralidade. O pequeno menino negro, personagem de Rufino foi construído a partir de uma ideia básica, a de que não importa a procedência, a classe social, a cor ou qualquer outro elemento para que se atinja as metas almeçadas, sem necessitar utilizar instrumentos inerentes à teoria do medalhão citada há pouco. Não é a aparência que importa, mas a essência, a ética, o caráter.

Se nesta obra para crianças, Rufino permite que se perceba a importância da ética para a sua construção ficcional, suas obras de inclinação teórica vão mais além; ainda mais aquelas em que o autor funde duas de suas paixões: a história (pelo viés da memória) e a literatura. Na maioria das obras reflexivas de Rufino dos Santos a memória interfere, acompanha as argumentações, sejam elas de cunho teórico, conceitual, ou não, criando um peculiar amálgama. E é a partir dele que o autor cria seus argumentos fortemente críticos e autocríticos.

Na obra *Quem Ama Literatura Não Estuda Literatura*, a crítica rufiniana sobre o ensino da literatura já se emancipa no título. Ele, que tem na literatura, desde a infância – quando escondia gibis embaixo da cama –, um motivo de vida, uma espécie de religião, aponta para pro-

blemas fundamentais na relação entre quem lê, cria e vive da literatura. Afirmou, em uma entrevista, o autor de *O Presente de Ossanha*:

Tive a sorte de ser leitor desde os 7 anos. Lia tudo o que me caía nas mãos: livros de casa, de parentes, de vizinhos. Eu era de família evangélica e tinha a obrigação de ler a Bíblia, recitar versículos. Ouvia e recontava histórias na Escola Dominical. Não me converti ao cristianismo, mas à Literatura. Lia escondido histórias em quadrinhos. Mais tarde, estudei História, na antiga Universidade do Brasil, e, com a anistia e a reintegração dos expulsos pela ditadura militar, comecei a lecionar Literatura na UFRJ. O menino leitor que fui se tornou professor do professor que me tornei. (BURGOS, 2016)

Torna-se importante refletir um pouco sobre esse aparente paradoxo entre quem ama a literatura por viver dela, por ela e com ela, afirmar que não se deve estudá-la. Mas o paradoxo exposto no título da obra é, obviamente, proposital. Em uma entrevista à revista Nova Escola, Rufino responde à pergunta sobre o porquê desse título:

Ele é uma ironia que, de cara, talvez não se perceba. A obra é um convite a estudar literatura, uma confissão de amor a ela. Como ensinei Literatura Brasileira durante muitos anos numa das principais universidades do país, sei como esse estudo é desencantado, descarnado, isolado das demais disciplinas, tanto humanas quanto científicas. Não é, absolutamente, um convite a não estudar literatura, mas a estudá-la com mais recursos. (BURGOS, 2016)

A crítica ao isolamento da literatura é explicitada, apontando para a problemática do cânone literário, ao excesso de “disciplinaridade” a que tem sido, por décadas (ou séculos) estudada. A interdisciplinaridade e o respeito à cultura popular se manifestam em várias de suas obras. Mas Rufino dos Santos também é um acadêmico de responsabilidade. É ético. E é por isso mesmo que pula os muros dos espaços acadêmicos, fechados, herméticos, “que têm donos”, para saltar para outros planos. Certa vez, conta uma de suas amigas discípulas e divulgadoras, a professora Dra. Cíntia Barreto, Joel, ao ver uns meninos, executando a dança do passinho emancipou sua admiração, afirmando que se ainda tivesse condições, aprenderia aqueles passos que os meninos negros faziam.

Já estava muito cansado – passou, nos últimos meses de sua vida, muito por muitas sessões de hemodiálise. É claro que brincava sobre o assunto da dança. Não dançaria, mas deixou claro a importância que dava àquela manifestação artística. Entendia, driblando preconceitos acadêmicos, que o que via era uma legítima manifestação cultural.

Em relação à problemática da ética, poderia parecer, nesses momentos em que aproxima a cultura popular da acadêmica, que a dita ética fraqueja, principalmente quando adicionado a isto temos a crítica de Ru-

fino dos Santos aos seus pares. Mas é exatamente aí que tal ética se amplia e se faz vigorosa. A ética viva, que tira da liberdade sua maior energia. Combativo e crítico, não deixava, porém, de tomar cuidado para não ofender com suas posições. Era firme, mas também sabia ouvir.

5. O olhar ético-crítico de Joel Rufino

Passa-se, aqui, a tratar mais objetivamente do olhar ético e cuidadoso de Joel Rufino em relação à ética, utilizando para isso a menção a duas passagens de sua vida. As duas se inserem no período da Ditadura Civil-Militar.

A primeira passagem se relaciona a um momento tenso, mencionado na obra *Épuras do Social*, em que Rufino trata das delações daqueles que, para não serem mais torturados ou morrerem, delatavam seus antigos companheiros. Joel reflete sobre as imensas dificuldades criadas por tais delações. Mas confessa que errou. É até nesse momento drástico e trágico, ele age em conformidade com sua consciência. O autor declara que sofreu muito antes, no momento e depois da delação, quando foi torturado. A voz ética impunha o silêncio, mas como cedeu à delação, entristeceu-se. Quando saiu da prisão, alguns amigos, não quiseram aproximar-se dele, mas a maioria entendeu sua fraqueza. Ao mencionar o nome de um companheiro, procurava mencionar aqueles que menos tivessem possibilidade de estar implicados. Mas, refletia ele, depois de anos, poderia ter sido mais grave, pois tal amigo poderia ser mesmo um dos procurados pelo DOI CODI.

Pode-se imaginar como era difícil para Rufino conviver com essas delações na memória. Mas, mesmo assim, ele conta, se expõe, se desculpa, não se oculta. E isso é vive eticamente, A questão básica da ética, não está em não errar, mas em não camuflar tal erro. Assumir os erros e não ser hipócrita é uma atitude ética, básica. Não há distância entre o que Rufino afirma e o que efetivamente faz. Se suas afirmativas partem de seu ponto de vista e se esse é correto ou não, o aspecto inerente à ética está exatamente na tentativa de seguir suas convicções, por mais que as mesmas o levassem a momentos de tristeza e de necessidade de se desculpar por equívocos cometidos. Poucas vezes, nos estudos literários, ligados ou não às chamadas escritas de si – relativas a cartas, autobiografias, diários – se toma conhecimento de depoimento tão contundente e sincero.

Remete-se, agora, às dificuldades que Joel Rufino dos Santos te-

ve, ainda durante o período em que esteve encarcerado, sob a ditadura, quando, cuidadosamente, afirmou para o filho que estava preso porque havia homens que julgavam e definiam, a vida dos outros, chamados juízes. Nesse momento da história brasileira em que vemos um carnaval de atitudes estranhas e claramente parciais dos juristas, quando se forja o “impeachment” da Presidente eleita Dilma Russelff, o fato mencionado cresce de valor. Pois Rufino não expôs o judiciário – até porque corria o risco de piorar a sua situação de preso político, mas pôs em questão o problema da imparcialidade. Disse ao filho que quem comandava era o juiz e ele achava as atitudes do pai, incorretas.

Em uma das mais belas passagens em que Rufino une história, memória, ficção e conhecimento, expostas no livro agora comentado, *Quando Voltei Tive uma Surpresa*, seu filho Nelson – que recebeu esse nome em homenagem ao mestre de Rufino, Nelson Werneck Sodré –, ao saber que o pai estava preso, pegou seu pássaro, que estava na gaiola e deitou-se com ele e a gaiola, embaixo da cama. E assim agiu muitas vezes. Essa passagem assume um simbolismo ainda maior quando se sabe que a obra em questão foi composta pelas cartas enviadas pelo escritor à família e que foram reunidas por sua esposa, Tereza Garbayo dos Santos, dando ensejo ao livro. Há páginas em que o pai desenha, pinta com canetinhas coloridas pessoas, edifícios, personagens históricos, cria diálogos e, principalmente aproveita para mostrar ao filho aspectos da cultura brasileira, com ênfase na tradição africana. Zumbi dos Palmares era um dos mais importantes personagens tratados nas cartas.

Na carta em que explica ao filho o real motivo de sua ausência, mostra bem o tipo de relações que a sociedade impõe ao cidadão e como, muitas vezes se fica refém do da sociedade e, principalmente, do poder do judiciário. Passo à leitura da carta que está no livro e foi reproduzida em um site denominado Lições do Cárcere. Rufino diz ao filho

Esta carta é para lhe contar o que está acontecendo comigo. Eu viajei logo depois do Natal. Se lembra? Fui ao Norte do Brasil, trabalhar. Quando eu voltei, tive uma surpresa. Fui convidado pelo governo a contar algumas coisas que eu fiz. Por exemplo: eu dei algumas aulas sobre coisas que nosso governo não gosta; contei algumas histórias que o nosso governo não gosta que se conte; e, finalmente, escrevi alguns livros que o nosso governo também não gostou. Aí, o governo me pediu que esclarecesse todas essas coisas. Bom, você já sabe que as pessoas têm de esclarecer coisas deste tipo é com o Juiz. Eu te expliquei uma vez o que era um juiz – e acho que você mesmo já viu na televisão. O juiz do governo faz a mesma coisa que o juiz de futebol: ele decide quem tem razão.

Eu acho que tenho razão. As aulas que dei, as histórias que eu contei e as

coisas que eu escrevi nos meus livros e nos jornais – eu acho que são coisas certas. O governo não acha. O juiz é quem vai decidir. Isto demora um pouco, infelizmente. Tenho certeza que o juiz vai dizer: "Seu Joel, não tem mal algum o senhor ter as suas opiniões. Pode ir embora. Ou então: "Seu Joel, o senhor já esperou muito tempo pela minha decisão. Pode ir embora."

Nelsinho. Eu queria, agora, estar aí com você. Mas, aqui, onde estou esperando a decisão do juiz não é tão ruim. (SANTOS, 2000, p. 9)

6. Conclusão

Uma das características mais importantes de Rufino, na discussão de aspectos literários, culturais e históricos tem sido uma espécie de argamassa que funde memória, literatura, história e reflexão conceitual, como se pode perceber em *Épuras do Social: Como Podem os Intelectuais Trabalhar para os Pobres*, quando traz para a discussão desde aspectos propriamente conceituais, sobre diversas questões acadêmicas, às observações sobre o cotidiano. Porém, tais observações são sempre envolvidas em um clima simultaneamente reflexivo, suave, mas com uma forte intervenção da memória como ação. É a memória quem mantém em Rufino a seiva da ética. Quem estuda, efetivamente, história, consegue entender, de maneira mais profunda e crítica, os acontecimentos diários.

Concluindo este artigo – criado a partir da apresentação de uma palestra sobre a ética na obra de Joel Rufino –, como se afirmou ao longo do texto, retomando a menção ao posicionamento ético-crítico de Joel Rufino dos Santos, aponta-se, aqui para a problemática da crise da ética na atualidade, enfocando o caso da atual tentativa de golpe político, no Brasil. Vivemos em um momento em que Joel Rufino faz muita falta. Com certeza continuaria criticando as atitudes políticas e econômicas do Partido dos Trabalhadores, como fez até o período de sua morte, em 04 de setembro de 2015. Mas entenderia ser as atuais atitudes jurídico-midiáticas movidas por intenções golpistas. A ética faria com que, mesmo discordando do governo, tendo severas críticas a ele, não apoiasse o retorno a um período em que os militares, a elite socioeconômica e os juizes (que fazem parte dela) decidiam o que era certo e errado, como se fosse um Deus, desqualificando a cidadania, os direitos constitucionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

BAUMAN, Zigmunt. *Identidade*. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. *Vida líquida*. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. *A ética é possível num mundo de consumidores?* Trad.: Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BLOG Revoluções. <<http://revolucoes.org.br/v1/blog/artelicoes-do-carcere-2>>. Visualizado em: 02-05-2016.

BURGOS, Marcelo. *Nova Escola*. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/fundamentos/joel-rufino-santos-nao-existe-lista-livros-imprescindiveis-610083.shtml>>. Acesso em: 01-05-2016.

DROIT, Roger Pol. *Ética: uma primeira conversa*. Trad.: Anália Correia Rios. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2011.

MIRANDA, Danilo Santos. *Ética e cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

LIMA, Luiz Costa. *Escritos de véspera*. Florianópolis: UFSC, 2011.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Quando eu voltei tive uma surpresa*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. *Épuras do social*. Como podem os intelectuais trabalhar para os pobres. São Paulo: Global, 2004.

_____. *O presente de Ossanha*. São Paulo: Global, 2006.

_____. *Quem ama literatura não estuda literatura*. Ensaios indisciplinados. Rio de Janeiro: Rocco, 2008a.

_____. *Assim foi (se me parece)*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008b.

_____. *A Pirilampeia e os dois meninos de Tatipurum*. São Paulo: Ática, 2009.

SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Trad.: Sandra Regina Goulart Almeida e Marco Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.